



## **Ativismo social em tempos de covid-19. Uma abordagem exploratória: Mulheres negras evangélicas em solidariedade e luta**

**Palavras-chave:** covid-19 , movimento negro, movimento progressista evangélico

**Desenvolvimento:** Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC).

**Aluna:** Cássia Medeiros Furtado IFCH - Unicamp

**Professor Orientadora:** Luciana Ferreira Tatagiba IFCH – Unicamp

**Coorientador:** Rodger Ridger IFCH - Unicamp

### **Introdução**

Minha pesquisa - *Mulheres negras evangélicas em solidariedade e luta* - tem como tema de pesquisa mulheres negras evangélicas no Brasil que se organizam em um movimento progressista evangélico. Meu objeto é a ainda recente Rede de Mulheres Negras Evangélicas RMNE criada em 2018, em Recife, que se estendeu por todo o Brasil em diversas denominações. Como ponto de partida, busco entender como a rede se fortaleceu, estabeleceu solidariedade, e como ela disputa para influenciar o poder. Para isso parto das influências ideológicas da rede, que é o pensamento feminista negro e sua teologia usando como ferramenta de análise as contribuições sobre a Epistemologia do Pensamento Feminista Negro de Patricia Hill Collins (2019), e a Teologia Negra de James H. Cone (2018) que contribui para a sua legitimação perante a Igreja Evangélica Brasileira. Como minha pesquisa é realizada em um contexto de pandemia do covid-19, optei por um recorte de tempo a partir do segundo semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2021, observando as redes sociais oficiais da RMNE, mapeando sua atuação nesse contexto político em que sua atuação fica restrita a atividades remotas. Também faço uso das cartas publicadas no livro “Vozes que não se calam: cartas de um evangelho brasileiro, feminino e negro” (2020), projeto realizado em parceria com a RMNE, que entre a coletânea possui autoras que estão presente no círculo de ativistas da rede, e também das gravações de encontros nacionais disponíveis na plataforma do Youtube. Para a interpretação dos dados coletados, farei uso da Teoria do Confronto Político como ferramenta de análise.

### **Materiais e métodos**

A presente pesquisa não partiu de uma hipótese pré definida, justamente por ser uma pesquisa exploratória. Assim, foi utilizado o método de análise exploratória. Primeiramente, a partir da bibliografia de movimentos sociais, especificamente de autores da Teoria do Confronto Político como Mcadam, Tarrow, Tilly, e outros autores contemporâneos. Essa bibliografia me capacitou com ferramentas para analisar a rede, para que em seguida eu pudesse fazer um mapeamento da produção de conteúdo nas redes sociais oficiais da Rede, tanto como no Instagram, página e grupo do Facebook e canal do Youtube, com um recorte de tempo de Agosto de 2020 a Maio de 2021. A partir desses dados, se mostrou necessário um aprofundamento nas teorias ideológicas que guiavam a rede. Dessa maneira, foi incluído na bibliografia, um breve estudo sobre a epistemologia negra da socióloga Patricia Hill Collins e a Teologia Negra de James H. Cone. Com isso, tentei responder: 1) Quais são as condições específicas de atuação política da RMNE (porque elas quiseram disputar política, como

elas lutam para influenciar o poder)? 2) Que tipo de ação elas realizam, quais são as estratégias, e qual papel as redes sociais desempenham na mesma? 3) Qual narrativa constroem para justificar suas ações?

## Resultados

A Rede de Mulheres Negras Evangélicas nasceu de uma iniciativa do Movimento Negro Evangélico de Pernambuco, em parceria com outros coletivos de mulheres negras no Brasil (como: Cuxi Negros Evangélicos, Dagbá, Movimento Social de Mulheres Evangélicas do Brasil, Movimento Negro Evangélico MNE, Cristãos Contra o Facismo, Coletivo Zauridas), no ano de 2018. Atualmente, sua atuação abrange todo o território nacional, com encontros que acontecem tanto de forma virtual quanto presencial, em diversos estados brasileiros. Partindo de experiências da vida de mulheres negras e evangélicas na sociedade, a RMNE atua na busca por justiça racial e de gênero coexistindo com o respeito e a liberdade religiosa, lutam pela participação política para exercer o direito a dignidade enquanto mulheres pretas e evangélicas, cujas vidas estão atravessadas interseccionalmente por marcadores de opressão específicos: gênero, raça e também a religião.

No mesmo ano, Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil com 57,8 milhões de votos (55.13%) (G1, 2018). O ex-deputado teve uma campanha polêmica, fez promessas de um governo anti-petista e contra esquerda, anti-corrupção, conservador nos costumes, extremamente ligado ao eleitorado cristão, sobretudo dos evangélicos fundamentalistas. Bolsonaro contou com o apoio de pastores reconhecidos como Pr. Silas Malafaia líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Bispo Edir Macedo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Pr. Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Reino de Deus, e o Missionário R. R. Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus.

O segmento evangélico tem crescido muito no Brasil nos últimos 20 anos, principalmente os pentecostais e os neopentecostais. Assim não é de se estranhar que a Igreja evangélica tenha sido vista como o mais novo curral eleitoral. Os candidatos que estão de acordo com os interesses da liderança são recomendados, quase como uma obrigação, aos membros da igreja, que devem votar nesses candidatos na eleição (OLIVEIRA, p.87, 2015). Na maioria dos casos, as recomendações são sempre de candidatos conservadores de direita, como uma tendência antiga entre os evangélicos de se prevenir contra o comunismo.

De acordo com o Censo de 2010, a maioria dos negros que professam uma fé no Brasil, estão presentes nas igrejas pentecostais clássicas e nas neopentecostais, sendo até maioria numérica nessas igrejas.

Dos 42.275.440 evangélicos no Brasil, 25.370.484 são membros das igrejas pentecostais (incluindo as denominações do pentecostalismo clássico e as igrejas neopentecostais). Deste grande número, 14.545.768 são negros (consideramos negras as populações determinadas como preta e parda pelo IBGE). Na realidade, a quantidade de negros na igreja pentecostal supera o número de pessoas brancas, que chega a 10.470.009 dos membros dos pentecostais.(CENSO 2010, *apud* Oliveira, 2015, p.98)

Não foi possível encontrar dados mais recentes, pois no ano de 2020 o Presidente Jair Bolsonaro não aprovou o Censo do IBGE. Contudo, mesmo com Censo de 2010 podemos afirmar que quando pensamos em evangélicos no Brasil, ao contrário do que a “bancada evangélica” nos faz acreditar, devemos pensar majoritariamente em negros. E no país, o indicador de raça, anda conjuntamente com o indicador de classe, por isso, também devemos pensar na população menos favorecida economicamente. Uma pesquisa publicada no dia 13 de janeiro de 2020 pela Datafolha revela que as mulheres negras são maioria nas igrejas evangélicas. A pesquisa mostra que “58% dos evangélicos

são mulheres, entre as quais 43% se identificam como pardas e 16% como pretas” (DATAFOLHA, *apud*, GELEDÉS, 2020).

Segundo a socióloga negra Patrícia Hill Collins, a consciência feminina negra surge dentro das dimensões cotidianas, por isso temas como o trabalho, a família, a política sexual, a maternidade e ativismo político são centrais, pois constituem opressões intercecionais vividas por essas mulheres. (COLLINS, 2019). A RMNE pautam desde a violência doméstica que sofrem dentro de casa, reivindicação do direito ao aborto, até o direito de exercerem sua fé e prática cristã sem que isso as deslegitime enquanto sujeitos políticos com pautas progressistas e que desejam participar das instituições democráticas. É dentro desse contexto que mulheres negras evangélicas se reúnem reivindicando uma nova condição das mulheres negras no mundo a partir do seu próprio olhar (BARBOZA; SOUZA, 2020). Como a maioria dos movimentos progressistas evangélicos vem surgindo desde 2013, a RMNE também nasce com bandeiras que confrontam o movimento fundamenalista presente na comunidade eclesiástica. Segundo a Teoria do Confronto Político, o confronto nasce “quando, de forma coletiva, as pessoas fazem reivindicações a outras pessoas cujos interesses seriam afetados se elas fossem atendidas” (MCADAM; TARROW; TILLY, p.11, 2009). Vemos aqui uma disputa pelo o que é ser evangélico, buscando legitimar a sua identidade cristã evangélica perante a sociedade civil e os evangélicos como um todo (ALENCAR, 2019). Com isso há um rompimento com o fundamentalismo conservador que é visto como “o outro” pela Rede.

A RMNE costumava ter como principal repertório de ação coletiva encontros municipais e regionais com palestras, atividades culturais, discussões, reuniões de oração e oficinas educativas em territórios periféricos e comunidades religiosas, além de encontros nacionais presenciais, onde a primeira edição foi em Recife (PE), e a segunda em Salvador (BA). Como os repertórios dialogam sempre com as estruturas de oportunidades políticas apresentadas pelos contextos sociais, com a pandemia do covid-19, as atividades ficaram limitadas ao modo remoto. As reuniões de oração “Oração e Partilha” passaram a ser online, sempre na segunda quinta feira do mês, às 20h pelo Google Meet. Para ter acesso ao link do encontro, é necessário ter o nome no cadastro da Rede. Já o terceiro congresso foi online pelo instagram, e teve como tema “A paz como fruto de justiça e amor”. Contou com oficinas sobre “Educação para as relações étnicos raciais”, “Violência de gênero e diversidade”, “leitura Popular e feminista da Bíblia”, “Autocuidado e saúde”, “Organização e participação social e política”.

As narrativas construídas para justificar as ações da Rede estão permeadas dentro da ideia da epistemologia do feminismo negro e da Teologia Negra. Por meio de uma desobediência silenciosa, essas mulheres têm vivido um novo significado na vida espiritual, algo que a teóloga Anete Roesse chama de “subjetividade ativa”, característica de grupos que enfrentam múltiplas opressões (ROESE, *apud*, BARBOZA; SOUZA, 2020).

Por mais que essas mulheres estejam dentro das congregações eclesiásticas, elas não são vistas e assumidas como parte desse corpo. A autora Patricia Hill Collins vai descrever essa situação com o termo inglês *outsider within* que pode ser entendido como “forasteiras de dentro”, são pessoas que apesar de estarem dentro, não são vistas como participantes desse coletivo. No caso da RMNE, elas são vistas como as de fora dentro da igreja e também dentro nos movimentos negros. Os autores Doug Mcadam, Sidney Tarrow e Charles Tilly afirmam a importância desses *outsiders* para a organização dos movimentos sociais. Não é só porque a pessoa se reconheceu colocada do lado de fora que ela vai decidir se organizar politicamente e fazer suas reivindicações. É necessária uma identificação a partir da solidariedade com esse grupo para assim se organizar politicamente com ele. Sem essa identificação nenhuma pessoa permanece no movimento e ele está fadado à ruína.

A maior parte dos movimentos não surge porque os *outsiders* são induzidos a se juntar à luta; ao invés, eles são agregados a partir da solidariedade e dos compromissos ontológicos das estruturas primárias de mobilização do movimento que estão, por sua vez, ligadas às comunidades de identidade comunicadas por meio de redes sociais. (MCADAM; TARROW; TILLY, p.32-33, 2009)

Tanto o pensamento feminista negro como a Teologia Negra entendem claramente que povo negro em diáspora ainda vive sobre opressão. Essas opressões são vividas e sentidas diretamente no corpo, é o corpo, o “templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19), aquele que recebe as violências físicas, psicológicas e mentais. Mesmo dentro das igrejas a população negra não é vista como igual. O Teólogo americano James H. Cone, entendia que a teologia era formada para um tempo e público específico, e que se o cristianismo não tivesse nada a dizer sobre o sofrimento e resistência do povo oprimido ele não poderia ser teólogo (CONE, 2020). Assim, em 1970 ele desenvolveu a Teologia Negra, uma teologia totalmente comprometida com a libertação do povo negro. Cone entendia que os negros não eram os únicos oprimidos no mundo, mas que o sofrimento que eles sofrem é tamanha que se torna um símbolo ontológico do oprimido. Para ele, a ressurreição de Jesus no terceiro dia tornava possível uma libertação terrena, por isso, a missão da Teologia Negra é lutar para que isso aconteça agora, e não esperar por uma libertação após a morte.

“O aparecimento da teologia negra [...] se dá primordialmente pela incapacidade dos religiosos brancos de relacionar o evangelho de Jesus à dor de ser uma pessoa negra em uma sociedade branca racista. Ela surge da necessidade desses indivíduos de se libertarem dos opressores brancos.[...] Acredita-se que a libertação da comunidade negra **seja** a libertação de Deus.” (CONE, 2020, p.57)

Dentro dessa perspectiva, é necessário romper com o silêncio dentro das igrejas em relação a essas opressões. É preciso denunciar o racismo e sexismo, é preciso falar sobre isso nos púlpitos, é preciso ouvir as vozes que nunca se calaram a esse respeito.

James Cone, defende que a teologia não pode ser separada da comunidade que representa. “A comunidade que não analisa a sua existência teologicamente é uma comunidade que não se importa com o que diz ou faz. É uma comunidade sem identidade” (CONE, 2020). A partir disso, a forma que se lê a Bíblia é outra. A origem da Bíblia é afro-asiática, e o tempo todo estabelece diálogo com o continente africano. A partir disso, a RMNE entende que ser negra e cristã não é uma rejeição da negritude e sim uma afirmação, pois através do cristianismo se pode fazer um resgate da sua ancestralidade. Essas ideias aparecem de maneira contundente em resposta aos comentários feitos em uma publicação do instagram oficial da rede no dia 05 de agosto de 2020, em que dizia “Somos a maioria entre os evangélicos”, “precisamos estar juntas e organizadas contra os poderes das injustiças”. Os comentários atacavam as pessoas negras cristãs, acusando-as de negar sua ancestralidade por aderirem ao cristianismo enquanto fé e modo de vida. Em resposta, a Rede afirmou que elas estavam em busca de emancipação das mulheres negras, inclusive do ponto de vista histórico e religioso, ressignificando a fé através de uma teologia negra e da hermenêutica feminina negra, produzindo um cristianismo genuíno, livre de mentiras usadas por colonizadores brancos.

No dia 25 de Agosto de 2020, o portal Geledés publica o manifesto da Rede de Mulheres Negras Evangélicas. No manifesto elas afirmam que a pandemia expôs ainda mais o sofrimento histórico que as mulheres negras têm passado.

Nesse momento de medos e perdas, testemunhamos nossas irmãs, irmãos, nossas crianças e nossos velhos terem suas vidas negligenciadas pela vaidade de governantes incompetentes e perversos. Sofremos com a falta de renda e alimento. Sofremos com a violência institucional armada e assassina que adentra nossas comunidades e invade nossas casas ceifando vidas inocentes. Sofremos com ausência de saneamento, de água potável e materiais de proteção no combate às doenças endêmicas. Sofremos com a violência doméstica. Violências físicas e

psíquicas que nos atingem de modo interseccional, cujas opressões raciais, de gênero, de classe, dentre outras formas de discriminações, nos atingem a nível individual e coletivo, consolidando ainda mais os processos de subalternização que são direcionados aos nossos corpos. (Manifesto de 2020, apud GELEDÉS, 2020)

assim reivindicam: a ocupação de cargos nas igrejas que são concedidos apenas a homens, para terem as personagens bíblicas femininas usadas como tema de ministração no culto, mulheres realizando as ministrações, voz a diversidade que compõe a igreja, que pautas sociais como machismo, racismo e misoginia também sejam tratadas no púlpito, que a educação política também faça parte da escola bíblica e pelo fim da intolerância religiosa através da cultura de paz.

BARBOZA, Vanessa Maria Gomes. SOUZA, Ana Paula Abrahamian de. **Mulheres Negras Evangélicas e o Processo de Autoformação**. Revista interterritórios, Caruaru, Pernambuco, V.6 N.10, p.131-154, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciencia e a politica do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONE, James H. **Teologia Negra**. São Paulo. Editora Recriar, 2020.

DIANI, Mario; BISON, Ivano. **Organizações, coalizões e movimentos**. Revista Brasileira de Ciência Política, no 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 219-229

MAGENTA, Matheus. **Brasil tem em 1 dia mais mortes por covid-19 do que 133 países em 1 ano de pandemia**. BBC Brasil, Londres, 07 de Abril de 2021. Saúde. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56661590>>. Acesso em 14 de Junho de 2021.

MCADAM, Doug. TARROW, Sidney. TILLY, Charles. **Para mapear o confronto político**. Lua Nova, São Paulo, 76, 2009, p.11-48.

OLIVEIRA, Marcos Davi de. **A religião mais negra do Brasil: porque os negros fazem opção pelo pentecostalismo?**. Viçosa: Ultimato, 2015.

RODRIGUES, Cristiano. FREITAS, Viviane G.. **Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional**. Revista Brasileira de Ciência Política, no 34. e238917, 2021, p 1-54.

SANTOS, Eliad. **Vozes Que Não Se Calam: Cartas de um evangelho brasileiro, feminino e negro**. Selo Zau: São Paulo, 2020.